Alumni Revista Discente da UNIABEU

RESENHA

ARAÚJO, Tarso. **Almanaque das drogas**. São Paulo: Leya, 2012. 384 p.

Fabiano de Almeida Pereira[1]

Falar sobre drogas ainda é um tabu em nossa sociedade, já que a maioria das pessoas evita tocar no assunto e, quando tocam, muitas vezes não passam do senso comum, fazendo uso de discursos moralistas e preconceituosos. Pensando em proporcionar uma leitura mais densa sobre o assunto, o jornalista Tarso Araújo, repórter especialista no estudo das drogas e editor da revista "Galileu", lançou em 2012 o **Almanaque das drogas**, cujo objetivo é abordar esse tema de maneira objetiva, estudando as drogas lícitas e ilícitas mais utilizadas pelo homem em todo o planeta. Esse livro foi publicado pela editora Leya (São Paulo) e está em sua primeira edição; longe de ser uma apologia às drogas, é, na verdade, um texto coerente, que ajuda na reflexão do complexo e polêmico tema do uso de psicotrópicos nas sociedades passadas e contemporâneas.

Contando com diversas ilustrações e gráficos estatísticos, o almanaque está dividido em seis capítulos. O primeiro, intitulado "O básico", aborda quais drogas serão discutidas, o que elas são e em quais categorias estão divididas (naturais ou sintéticas, estimulantes ou depressoras). Já o segundo, "História", trata de uma visão diacrônica das drogas, ao longo do tempo, enfocando que, desde a pré-história, os humanos já conheciam os efeitos psicoativos causados ao consumir determinados cogumelos ou plantas. Muitas culturas se habituaram a utilizar essas substâncias em rituais religiosos, celebrações e também explorar seu valor medicinal, como podemos ler neste trecho:

> [...] quando surgiram as primeiras civilizações, o homem já estava bem familiarizado com o uso de drogas para alterar seus sentidos e seu comportamento. Na verdade, quando chegou o Neolítico, a humanidade não apenas usava drogas, como sabia até fabricá-las. A receita mais antiga, por exemplo, ensina a fazer cerveja. Ela foi escrita pelos sumérios, povo que se estabeleceu na Mesopotâmia perto de 8000 a.C. e é considerado o exemplo mais antigo de civilização humana. (ARAÚJO, 2012, p. 25).

Com o advento do cristianismo, o consumo de drogas passou a ser demonizado, uma vez que praticamente todas as outras religiões faziam uso delas e representavam

1 Aluno do terceiro período-Serviço Social-Faculdade Católica-PUC/Minas-Uberlândia-MG Pesquisa atualmente sobre a imagem dos dependentes químicos no cinema brasileiro. kenia@triang.com.br

uma ameaça à consolidação da religião cristã. Talvez isto explique parte do estigma negativo associado às drogas e seus consumidores.

Em seguida, o terceiro capítulo, "Economia", mostra em detalhes como funciona o mercado bilionário das drogas, a publicidade em torno do álcool e do tabaco na mídia e a grande fatia arrecadada pelo governo, já que as drogas lícitas estão entre os produtos mais tributados de um Estado. O mercado ilegal, por sua vez, tenta ser discreto, diminuindo os riscos e investindo em técnicas cada vez mais inusitadas de contrabandear substâncias pelas fronteiras de países até chegar ao consumidor final, como podemos ler neste parágrafo:

> Todo mês, dezenas de embarcações com quatro ou cinco pessoas navegam discretamente pelo oceano Pacífico, a mais de 100 km da costa da América Central. Não são pescadores ou turistas, nem estão a bordo de um barco comum. São traficantes com toneladas de cocaína em veículos que viajam quase debaixo d'água. Eles saem da Colômbia para águas internacionais ao norte, onde encontram lanchas que levam a tripulação e a carga de até 12 toneladas, a mais de 100 km/h, para praias do México. Dali a cocaína segue por via terrestre para os Estados Unidos. (ARAÚJO, 2012, p. 120).

Na guerra contra as drogas é notável que a corrupção e a propina tornaram-se ferramentas importantes para os traficantes, e, apesar dos riscos de prisão e violência, as dificuldades financeiras e a ilusão de enriquecimento podem ser decisivas para uma pessoa ou família tomarem os caminhos da ilegalidade, através da associação ao tráfico, que pode trazer consequências nefastas.

No capítulo "Saúde" são apresentados os efeitos das drogas no organismo, seus riscos, os neurotransmissores em nosso cérebro que se ligam a essas substâncias, como são desenvolvidas as dependências químicas e suas formas de tratamento. O vício e a dificuldade de se libertar dele vão depender da droga utilizada, da forma e tempo de uso, da disposição genética de cada usuário para a dependência e do ambiente em que essa pessoa está inserida. Nessa parte do livro, o autor tem como base estudos elaborados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Associação Psiquiátrica Americana (APA).

A questão política das drogas é discutida no quinto capítulo, "Política", relembrando que os EUA e a ONU tiveram papel fundamental na proibição da venda e consumo de uma extensa lista de substâncias na maioria dos países. Apesar disso, torna-se evidente o fracasso da política antidrogas americana, que não conseguiu reduzir o consumo ou a oferta, apesar das punições associadas ao uso e tráfico, tal como acontece no Brasil, onde aparentemente perdemos a chamada "guerra às drogas". Modelos de políticas de legalização e redução de danos têm se mostrado alternativas mais eficientes e com menor efeito colateral para a sociedade. Para isto, o autor toma como exemplo o caso de Amsterdã, capital da Holanda e referência global de tolerância com o uso de drogas, notando que o consumo lá não é maior comparado a países onde há risco de punição.

Por último, o capítulo "Drogas de A a Z", uma espécie de dicionário e guia rápido, apresenta informações essenciais sobre as drogas mais utilizadas no mundo, como álcool, anfetaminas, cafeína, cocaína, maconha, ecstasy, LSD, ópio, tabaco e várias outras.

Diante disso, recomendo **O Almanaque das Drogas**, já que se trata de uma leitura agradável e interessante tanto para quem é apenas um curioso sobre o assunto como também para quem estuda e pesquisa este tema. Nele, vários mitos são revistos e valiosas informações reveladas para nos orientar e desmistificar este assunto tão polêmico.